

BRAGANÇA JÚNIOR, Á. A. . ROLF POLVO E DIETRICH VON BERN: personagens histórico-literárias e a representação de traços do mundo germânico medieval uma introdução. In: Adriana Zierer; Márcia Manir Miguel Feitosa. (Org.). **Literatura e história antiga e medieval: diálogos interdisciplinares**. 1 ed. São Luís: EDUFMA, 2011. p. 53-74.

*ROLF POLVO E DIETRICH VON BERN: PERSONAGENS HISTÓRICO-LITERÁRIAS  
E A REPRESENTAÇÃO DE TRAÇOS DO MUNDO GERMÂNICO MEDIEVAL –  
UMA INTRODUÇÃO*

*Álvaro Alfredo Bragança Júnior<sup>1</sup>*

I. Literatura e História – um velho-novo debate

Há decênios discutem-se com renovado vigor as relações e os possíveis limites entre o testemunho e o documento, entre a pretensa verossimilhança da Literatura e a(s) objetiva(s) verdade(s) - *sic!* – do saber de Clio. Embora este trabalho não pretenda de forma alguma rastrear e esgotar o percurso crítico das zonas de convergência e de divergência entre as áreas do conhecimento acima citadas, e por razões de concisão se estender além do permitido, faremos alguns comentários acerca de um viés de análise, o qual, em nosso ver, potencializa e dinamiza as tensões subjacentes em uma obra literária e que servem para exploração historiográfica séria. Referimo-nos à questão da narratividade!

Renato Moscateli em seu elucidativo artigo *A narrativa histórica em debate – algumas perspectivas* (2004) aponta para questões que permeiam as tangências entre a palavra com função estética da obra literária e a palavra com função informativa do texto historiográfico. Para o autor, a linha tênue entre ambas reside no acompanhamento da matéria narrada, desde o desencadear da ação até seu efetivo ou incompleto desenlace, pois

---

<sup>1</sup> - Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro, lotado no Departamento de Letras Anglo-Germânicas e Professor do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da mesma universidade.

escrita da História, como a de um texto literário, passa pela tessitura desse fio que deve juntar os acontecimentos, mesmo aqueles aparentemente desconexos, a fim de conferir sentido a um todo maior que não é um simples agregado de elementos, mas sim um quadro coerente no qual se pode ver uma imagem inteligível.

Essa coerência indispensável para a intelegibilidade da mensagem configura-se discursivamente sob forma de narratividade, entendida aqui como elemento que conduz a narrativa a uma integração histórico-social (ALVES *in* CEIA, 2005). A questão da pretensa dicotomia verdade-verossimilhança configura-se então na área de imbricação dos textos e seus contextos. Exatamente esse é o ponto realçado por Lemaire (2000, p. 11), ao afirmar que “ - *o plausível – não constitui um ponto determinado, situado entre o verídico e o falso, é uma modalidade possível, quer dizer, imaginável, imaginária e imaginada de fato*”. Isto não quer dizer na perda de objetividade no trabalho com a matéria histórica, mas sim uma ampliação de possibilidades interpretativas que se abrem a novas perspectivas de análise, podendo fundir em um mesmo objeto o testemunho e o documento.

Nesse conjunto, Maria Aparecida Baccega (2000, p. 81) ao definir discurso como “*manifestação textual das formações ideológicas/formações discursivas*” centra na palavra a matéria-prima para a constituição da História, Historiografia e, claro, da Literatura. Através do *logos*, do *verbum* e da parábola, este sema concretiza e sugere em si o estabelecimento de níveis de realidade, através das quais as estruturas narrativas através de seus mecanismos específicos constituem os graus de aproximação e de distanciamento expressos pelo tecido lingüístico e tendo o tecido sócio-histórico como seu delineador. No texto dali resultante depreendem-se os espaços do real. Maria Tereza Freitas (*apud* BACCEGA, 2000, p. 82), ao discutir a questão da realidade estética aponta para a sua inserção dentro do mundo objetivo, pois

a realidade estética significa problematização da realidade objetiva, seja ela qual for; a literatura visaria, então, não apenas a colocar a presença das coisas, mas a interrogar essa presença, a colocá-la em questão; e uma das qualidades do texto literário está justamente na força desse questionamento.

Por outro lado, o cotidiano, então, e as formas de representação adquirem um peso historiográfico importante, a partir do momento em que se entende a visão do historiador

como sujeito social, inserido dentro de seu tempo, e seu discurso como estrutura narrativa portadora e construtora de sentido, pois

todos os homens, qualquer que seja sua posição na hierarquia social, vivem a cotidianidade. Nela colocam-se em “funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideais, ideologias. (HELLER *apud* BACCEGA, 2000, p.85).

Para sumarizar nossos sucintos comentários, fazemos nossas as palavras de Baccega (2000, p. 89) no tocante às relações entre História-Literatura, que servem de corolário ao anteriormente exposto:

É só na história que o homem *existe* e a literatura nada mais é que o discurso da existência humana, das suas várias possibilidades. A história é o desdobramento no tempo dessas várias possibilidades.  
O homem é personagem, que é homem. E o escritor é o criador de personagens que e incorporarão em homens.

Para preencher as lacunas do conhecimento histórico sobre o passado, em nosso caso, acerca do mundo germanófono da Idade Média, necessitamos de apoio interdisciplinar e sobre a Medievalística Germanística nos dedicamos a seguir.

## II. Medievalística Germanística e História Comparada – por uma introdução interdisciplinar

Dentre todas as áreas de conhecimento com abordagem interdisciplinar sobre o medieval, cabe à Medievalística Germanística o trabalho com as relações sócio-históricoculturais presentes nos textos literários escritos em antigo-alto-alemão e médio-alto-alemão,<sup>2</sup> isto é,

entendemos os termos em alemão *Germanistische Mediävistik* como a ciência que tem por finalidade estudar uma determinada língua e a literatura compilada nesta língua durante a Idade Média e que as considera não como um fenômeno

---

<sup>2</sup> - Sobre Medievalística Germanística cf., dentre outros, BRAGANÇA JR, Álvaro Alfredo. “O Estudo da literatura medieval no Brasil à luz da Medievalística Germanística-algumas palavras”. In: TELLES, Célia Marques & SOUZA, Risonete Batista de. *Encontro Internacional de estudos medievais-Anais*. Salvador: ed. da UFBA, 2005. p.258-268.

isolado, mas as contextualiza em uma época com sua cultura e civilização específicas. A Medievalística germanística em alemão, como propomos, prende-se aos estudos de *Kulturwissenschaft*, ou *Cultural Studies* (apud BRANDT: 1999,15-16; BACHMANN-MEDICK: 1996, 7-64)

Hilkert Weddige (2003, p. 12) considera a Medievalística Germanística como uma ciência da cultura e das épocas com aporte interdisciplinar, que, de uma certa maneira, ocupou um espaço substancial deixado pela *Altgermanistik*, ou Germanística Antiga, dentro dos *curricula* universitários alemães. A preocupação lingüístico-literária, pois, com o cruzamento de fontes de informação, sejam literário-testemunhais ou histórico-documentais, se ainda quisermos nos remontar à dicotomia apresentada no capítulo I de nossas reflexões, está no topo da *Germanistische Mediävistik*. Do lado historiográfico encontra-se na História Comparada uma metodologia que prima pelo diálogo, como bem afirmam THEML & BUSTAMANTE (2003, p.17), propensa a uma atividade investigativa, moldada e executada por uma equipe de pesquisadores, sob o prisma da comparação, que

convida os pesquisadores a colocar em múltiplas perspectivas as sociedades, os contrastes, os excessos e o secreto, inicialmente, sem fronteiras de tempo ou de espaço. Isto porque, ao colocar em comparação várias experiências, produzem-se freqüentemente espaços de inteligibilidade e de reflexão nova. Esta forma de comparação autoriza a análise de componentes de configurações vizinhas e cada uma, com seus traços diferenciais, permite entrever a *clivagem* entre uma série de possibilidades.

No silêncio e solidão, muitas vezes, de nossas atividades acadêmicas, o pertencimento a um grupo de estudos ou rede de pesquisadores interinstitucionais e interdepartamentais pode facilitar o trabalho conjunto, desde que respeitados os limites epistemológicos dos saberes. Para tanto, segundo as autoras *supra* citadas (2003, p.18-19), constróem-se objetos de pesquisa através dos projetos individuais de cada membro da equipe; em um segundo momento há a construção de problemas e, por fim, um campo de exercício de experimentação comparada, em que, como em uma figura caleidoscópica, cada pesquisador, com sua lente específica, foca o objeto comum.

Visto isso, ambas as áreas do conhecimento fornecem subsídios para um debate dialógico sobre um determinado tema do medievo. Como objeto de nosso estudo serão abordadas características do mundo germânico presentes em duas versões de sagas

germânicas. Antes de, contudo, partirmos para a análise de *Rolf Polvo* e *Dietrich von Bern*, situemos o homem germânico, personagem real e literário das estórias dentro da História.

### III. Algumas palavras sobre os germanos

As informações sobre os povos germânicos na Antiguidade chegaram até nós principalmente através das fontes gregas e romanas. Estrabão, César e Plínio, por exemplo, legaram à posteridade informações sobre costumes, tradições, vocábulos e o *modus vivendi* dos *geer mannen*, contudo foi Tácito em seu afamado *Germania* quem melhor esquadrinha aqueles homens.<sup>3</sup>

Tácito crê que os germanos são naturais de sua própria terra e que jamais se mesclaram com a vinda e hospedagem de outros povos. O povo é descrito como sendo composto por selvagens, que vivem em regiões sombrias nas quais predominam os bosques e os pântanos, possuindo os homens cabelos ruivos e corpos avantajados, abominando o trabalho e a fadiga e estando sempre dispostos para os tempos de guerra.

Sua principal força militar consiste na infantaria. Na batalha, os germanos lutam nus ou ligeiramente vestidos de um curto saião, apenas ostentando um escudo e uma frâmea.

Seus reis são eleitos conforme a sua nobreza e seu poder não é considerado absoluto. A fidelidade aos líderes é sagrada e estes são escolhidos segundo a sua capacidade, cabendo apenas aos sacerdotes<sup>4</sup> consentir o direito de açoitar, prender ou matar, pois a pena não é considerada castigo ou execução das ordens de um comandante, e sim imposta pelos deuses.

Suas práticas religiosas consistem na adoração de seu panteão, oferecendo aos seus deuses sacrifícios humanos ou animais. Seus deuses não são representados sob formas humanas, mas sim consagrados às selvas e bosques. Acreditam em algures e adivinhações, tirando sua sorte em pequenos pedaços de madeira marcados com sinais e consultando o canto e o vô das aves.

---

<sup>3</sup> - As informações acerca dos germanos nesse capítulo estão contidas no trabalho inédito de Bragança Júnior e Mariana Sousa (2006), *Uma introdução ao estudo da mitologia nórdica*.

<sup>4</sup> - No sentido de homem responsável pela comunicação com as divindades.

Os assuntos de interesse público são tratados em assembleia geral, a *thing*. A proposição é analisada pelos sacerdotes em primeiro lugar, seguido pelo rei ou o chefe e precedido pelos demais segundo a idade, nobreza ou fama adquirida na guerra. Caso a proposição seja aprovada, isto é mostrado pelo brandir das frâneas. Na administração das vilas, os responsáveis são eleitos através das assembleias, contando com conselheiros a lhe auxiliarem na incumbência.

Os germanos habitam em casas de madeira bruta espaçadas entre si e são normalmente monogâmicos, exceto em alguns casos onde a nobreza permite que alguns tomem para si várias esposas. No casamento, o dote é fornecido pelo homem, e este se caracteriza por juntas de bois, cavalos ajazados e escudos com frânea e espada. A mulher, por sua vez, oferece as armas ao marido.

Outra característica comum na sociedade germana são os ódios de família. Estes são passados como herança e podem ser aplacados com um certo número de cabeças de gado, embora a questão da vindita de sangue apenas seja banida do direito consuetudinário germânico no século XV.

O direito à hospitalidade também é ressaltado pelo historiador romano, ao afirmar que não negam ajuda a quem precisa. Isso é bem evidenciado nos exemplos textuais que serão objeto de nossa análise.

É costume entre eles passar o dia e a noite bebendo, o que acaba criando como consequência rixas, que terminam constantemente em ferimentos ou morte. Nos banquetes encontram a ocasião ideal para reconciliar inimigos, contratar casamentos, escolher generais ou tratar sobre negócios referentes à paz ou à guerra.

A pirâmide social era composta pelos *Jarls*, aristocracia detentora da posse da maioria das terras; os *Karls*, pessoas livres que possuíam armas e poderiam participar das assembleias; e os *Thrales*, escravos oriundos de populações vencidas ou dos insolventes. Estes últimos estavam associados aos trabalhos domésticos e ao cultivo da terra.

As terras cultiváveis são repartidas e divididas segundo a categoria social dos agricultores. A divisão do ano pelos germanos apresenta-se diferente à dos romanos, pois conhecem o inverno, a primavera e o verão, porém ignoram o outono e os bens que esta estação propicia.

Tácito termina a sua descrição geral sobre os germanos falando sobre seus costumes funerários. Nestes é praticada a incineração do corpo juntamente com armas do morto e, em alguns casos, incinera-se também o cavalo. Nestas ocasiões, os germanos choram pouco, mas o pesar e a tristeza permanecem durante um longo tempo.

Com a desintegração política e geográfica do Império Romano do Ocidente em 476, o mundo germânico continental passou por um processo de constituição e afirmação de novos reinos, que a partir do início da Idade Média Central firmaram, com o beneplácito da Igreja, os fundamentos da sociedade feudal. No mundo escandinavo, porém, a situação era outra e sobre ela discorreremos brevemente a seguir.

#### IV. Os nórdicos entre os séculos VIII e XII – esboço de caracterização

O espaço geográfico das atuais Dinamarca, Noruega e Suécia<sup>5</sup> formavam em sua grande parte a Escandinávia Medieval e a partir de fins do século VIII, grupos de homens realizaram incursões contra boa parte do ocidente europeu, tornando-se conhecidos com o nome de *vikings*.<sup>6</sup> Traçaremos aqui, de forma geral, um quadro panorâmico acerca de seu mundo.<sup>7</sup>

A hierarquia do povo viking distinguia-se em três grupos sociais: o nobre, o camponês e o servo. Figurando na classe mais alta estava o rei, escolhido pelos chefes, que possuía seu poder limitado pela assembléia formada pelos homens livres. Logo após o rei encontravam-se os *jarls*, os nobres, que eram donos de uma riqueza distribuída em terras e produtos. Contudo, a base da sociedade viking era constituída por camponeses que possuíam poucos bens de valor, mas eram homens livres e ativos na justiça promovida

---

<sup>5</sup> - Os dados sobre a Islândia podem ser consultados em MOOSBURGER (2009, p. 17-24).

<sup>6</sup> - Para um estudo sistematizado em língua portuguesa sobre a cultura viking cf. todos os artigos de Johnni Langer publicados na Revista *Brathair on line*, acessível nos seguintes endereços: [http://www.brathair.com/revista/numeros/03.01.2003/mito\\_dragao.pdf](http://www.brathair.com/revista/numeros/03.01.2003/mito_dragao.pdf), <http://www.brathair.com/revista/numeros/04.02.2004/Midvinterblot.pdf>, <http://www.brathair.com/revista/numeros/05.01.2005/erfi.pdf>, [http://www.brathair.com/revista/numeros/05.02.2005/magia\\_viking.pdf](http://www.brathair.com/revista/numeros/05.02.2005/magia_viking.pdf), [http://www.brathair.com/revista/numeros/06.02.2006/mythica\\_scandia.pdf](http://www.brathair.com/revista/numeros/06.02.2006/mythica_scandia.pdf), <http://www.brathair.com/revista/numeros/07.01.2007/dragao2.pdf> e <http://www.brathair.com/revista/numeros/07.02.2007/8.pdf>.

<sup>7</sup> - Sobre as informações elencadas a seguir cf. a bibliografia apresentada na nota 3.

através das assembléias. Finalmente temos os servos e os escravos, que não possuíam direitos na comunidade, mas constituíam grande parte da força de trabalho utilizada por ela.

A justiça era presidida por uma assembléia de homens livres denominada *thing*. Esta instituição criava e punha em vigor as leis, pronunciava julgamentos e discutia assuntos que diziam respeito à comunidade. A sociedade viking era governada através da tradição e das leis aprovadas pela *thing*. Entre estas tradições estava a posse hereditária de terras e a responsabilidade pela provisão de homens e navios em tempos de guerra. Era à *thing* que também cabia o julgamento de roubos, disputas e difamação, embora o meio mais utilizado para resolver as disputas de honra na era viking fosse os duelos.

A família era uma constituição básica na sociedade viking. Por viver sempre cercado por ela, o homem viking era extremamente apegado à sua família e tinha como dever auxiliar e sustentá-la. Do mesmo modo ele poderia sempre contar com o apoio da família nos tempos bons e em tempos de guerra. Os casamentos eram normalmente arranjados através de um acordo entre as famílias e os jovens normalmente acatavam aos desejos de seus familiares, quando isso não acontecia geravam-se conflitos.

Entre os povos nórdicos as principais atividades eram a caça, pesca, agricultura, pecuária e o comércio, principalmente de peles e escravos. Destas atividades, a agricultura estava internamente ligada às crenças religiosas do povo, pois é fato comprovado que, não somente na Escandinávia, como também em outras sociedades arcaicas, a relação era estreita entre o cultivo da natureza e ritos de fertilidade. Durante a era viking deu-se o cultivo de cereais como a cevada, o centeio e a aveia, assim como também se encontram registros do cultivo de trigo na Dinamarca, que representava a área de maior atividade agrícola, facilitada por suas terras férteis em larga escala.

Outra atividade importante nas aldeias vikings era a criação de animais, em maior parte a criação de gado. Entre os animais domésticos dos vikings encontram-se os cavalos, o boi, o carneiro, a cabra, o porco, assim como o cachorro e o gato.

A construção das casas vikings variava de acordo com a disponibilidade de material para edificação na região. Em lugares nos quais a presença de madeira era abundante havia maior número de construções de madeira, podendo estas variar de acordo com o tipo de

árvore existente nas florestas da localidade. Já em regiões onde havia escassez desta matéria-prima eram utilizadas pedras, barro e grama para a construção das habitações.

Dentro de suas casas, os vikings exerciam suas tarefas. Às mulheres eram usualmente dadas tarefas como cozinhar, fiar lã em teares para tecer as roupas da família e também velas para os barcos vikings. Já aos homens era permitido um descanso das batalhas, relaxando com jogos de mesa, música ou histórias míticas e heróicas contadas por poetas. Tudo isso ocorria em volta da lareira, que constituía o centro da habitação viking, provavelmente devido às rudes condições climáticas da Escandinávia.

Podemos compreender uma grande parte dos comportamentos, experiências e pensamentos do povo viking recorrendo à literatura posterior como os poemas e sagas das *Eddas*, que mesmo através do tempo se encontram impregnados de sua cultura e crença pagã. Os vikings transmitiram sua cultura, habilidades, leis e crenças pelo continente e os mares através de seu espírito desbravador, modificando com seus traços parte considerável da Europa que conhecemos hoje. As sagas como fonte de conhecimento do mundo viking serão, pois, o foco do próximo capítulo.

## V. As sagas e o mundo germânico – considerações preliminares<sup>8</sup>

Costumes e práticas de religiosidade entre os germanos ainda apresentam interrogações a serem respondidas. Pouco se sabe sobre as formas de culto ou os templos que constituíam a crença religiosa do povo germânico. O que sabemos se deve às fontes arqueológicas, compreendendo pesquisas ainda em movimento que constituem uma base importante no que se refere ao modo como os povos nórdicos viviam, seus cerimoniais religiosos e seus costumes funerários, e também às literárias, as quais, apesar de tardias e nem sempre confiáveis, ainda possuem grande valor no que tange à preservação da memória pagã.

---

<sup>8</sup> - Entendemos as sagas como oriundas dos povos germânicos, por isso não entraremos em detalhes acerca da nomenclatura sagas “germânicss” ou “nórdicas”, pois os nórdicos ou escandinavoss são pertencentes à mesma família germânica.

Pelo fato de as crenças pagãs serem transmitidas estritamente de forma oral – a escrita rúnica era apenas utilizada em ocasiões específicas e em relatos pequenos, não sendo utilizada para os relatos extensos e cheios de pormenores referentes à religião cristã – os registros escritos nos quais se baseiam os estudos sobre suas práticas religiosas e seu povo provém do relato de estrangeiros, em textos usualmente escritos em grego ou latim, ou dos dados coletados por monges nos mosteiros cristãos. Contudo, há de se atentar para o fato de que, por serem dados escritos em mosteiros em um período de tempo posterior à conversão destes povos, sempre pode se encontrar vestígios de preconceito religioso ou étnico, falsas interpretações ou adaptações deliberadas, nem sempre fiéis aos registros orais.

Se no tocante aos escritos acima mencionados temos fontes oriundas quase que exclusivamente do meio eclesiástico, as sagas contem uma especificidade que as restringe apenas ao espaço germanófono. Como afirma Théo Moosburger (2007, p. 7), as sagas são

um gênero literário à parte; não são romances, não são novelas: são textos em prosa nos quais se podem, sim, reconhecer semelhanças com esses outros gêneros, e que também possuem muito em comum com as epopéias, mas com elementos próprios ... Sendo assim, enquanto gênero literário à parte, as sagas são um conjunto de textos que apresentam, características únicas ...

e em *Sagas islandesas* (2009, p. 9), ele afirma que as sagas “*têm como característica, salvo poucas exceções, o fato de serem, na verdade, cada uma delas muitas histórias agrupadas numa ordem cronológica linear.*”

Do ponto de vista etimológico (MOOSBURGER, 2009, p.20), porém, saga é

um substantivo derivado do verbo *segja*, “dizer”, “contar”, ... , e designa uma *narrativa, algo contado*, sendo o limite entre o que nós modernamente consideramos “historiografia” e “lenda” não delineado dentro dos diversos usos do termo em islandês antigo. Desse modo, as *narrativas* acerca de antigos reis escandinavos, de heróis lendários e dos primeiros colonizadores da Islândia, que se preservaram tanto por transmissão oral quanto em alguns registros escritos ... , foram escritas a partir do final do século XII, recebendo todas a designação *saga*.<sup>9</sup>

Quais seriam esses marcos que distinguem as sagas dentro de propostas de gênero literário? Segundo Moosburger (2007, p. 8), “*o tom da narrativa é direto, seco, por vezes*

---

<sup>9</sup> - Para uma análise mais detida sobre os tipos de sagas, cf. MOOSBURGER (2009).

*reticente, porém extremamente expressivo; há algo entre o discurso do historiador e o coloquialismo do contador de histórias folclóricas*". Construções frasais típicas com orações coordenadas e alternância entre presente e pretérito, os “*tempos verbais da narrativa*” (MOOSBURGER, 2007, p. 9) também definem o arcabouço de sua sintaxe e linguagem. O pesquisador e tradutor brasileiro articulam a questão narrativa à expressividade lingüística da saga.

Voltamo-nos, porém, ao ponto da relação da saga com “heróis lendários”. *Rolf Polvo* é uma criação literária. Dietrich von Bern, ou Teodorico de Ravena, são duas faces de uma mesma personagem, que historicamente adentrou à ficção. O ciclo de histórias a respeito do rei dos ostrogodos e regente dos visigodos e a personagem literária, homem germânico por excelência, trazem consigo as marcas sociais e culturais de suas épocas. Passemos a elas!

## VI. A *persona* e a personagem: traços do mundo germânico em *Rolf Polvo e Dietrich von Bern*

A utilização de personagens literárias como fonte para análise social presta-se bem ao intento deste artigo, desde que respeitadas as particularidades e as metodologias a empregar. Portanto tentaremos evidenciar como elementos presentes no cotidiano dos germanos encontram-se representados nas sagas.

*Persona* de ficção, *Rolf Polvo*, filho do rei Helge e da rainha Yrsa, soberanos na Danlândia<sup>10</sup>, sucede ao pai após este ser covardemente assassinado pelo rei Adil, da Suécia. Demonstrando habilidades para governar e guerrear, ele parte em viagem para vingar a morte do pai e com ele vai um jovem camponês de nome Wögger. No caminho deparam-se com o deus Wotan, sob forma humana de Rany, e posteriormente rumaram ao castelo de Adil, sendo emboscados, porém vencendo os inimigos. Com a morte de Adil Rolf e seus homens regressam à Danlândia, porém a irmã de Rolf e seu marido, após um banquete em homenagem ao êxito da empreitada de Rolf, matam-no assim como a quase todos que o

---

<sup>10</sup> - Possivelmente território dos daneses, a atual Dinamarca.

acompanharam. Wögger, então, por fim, sob pretexto de jurar lealdade ao novo rei, aproxima-se deste e mata o usurpador, antes de ser morto.<sup>11</sup>

Já as histórias de *Dietrich von Bern* baseiam-se em Teodorico de Verona, rei dos ostrogodos de 471 a 526 e dos visigodos de 511 a 526. Nasceu próximo da cidade de Carnutum no ano de 454, filho do rei ostrogodo Theodemir e da rainha Erelieva, falecendo no ano de 526. Destacou-se por tentar dar continuidade às leis e costumes romanos, além de conquistar e governar a extensão territorial que hoje compreende a Itália.<sup>12</sup> Após tornar-se rei dos ostrogodos e regente dos visigodos, Dietrich procurou manter uma aliança com o Império Bizantino – tendo desenvolvido forte admiração pelos costumes imperiais em Constantinopla – enquanto detinha sob seu domínio o local que havia sido o esplendor do *Imperium Romanum Occidentale*<sup>13</sup>. O godo liderou a tomada de Ravenna, onde subjugou o rei Odoacro em 493<sup>14</sup>, tornando-se o segundo rei “bárbaro” de Roma.

As aventuras de Dietrich enquanto personagem literário na leitura de Beheim-Schwarzbach (1996, p. 95-149) são as seguintes:

1. As primeiras façanhas de Dietrich;
2. Heime, Wittich e Dietlieb;
3. O fracassado pedido de casamento;
4. O jardim de rosas de Laurin;
5. Dietrich entre os hunos;
6. A velhice de Dietrich e a reviravolta na vida de Heime;
7. A última aventura;
8. A cavalgada em direção aos deuses.

---

<sup>11</sup> - *Rolf Polvo* e as histórias de *Dietrich von Bern* foram retiradas de BEHEIM-SCHWARZBACH (1996). Embora saibamos que esta fonte é secundária e uma obra com fins comerciais, a mesma é de fácil acesso aos pesquisadores e caberá a visão crítica dos mesmos para discernir os pontos dignos de investigação da obra em questão. Devido à limitação do trabalho não poderemos fornecer no momento mais dados acerca da saga de *Rolf Polvo*.

<sup>12</sup> - As informações e mais dados sobre o rei Teodorico de Verona encontram-se no artigo de Bianca Oliveira e Álvaro Bragança, *O celta e o germano: do surgimento do ideal à recriação do modelo heróico medieval – caracterização arquetípica de Dietrich von Bern e Rei Artur*, 2009. (Inédito)

<sup>13</sup> *In*: HODGKIN, 1897, p. 51; JORDANES, s/d, p.290; LE GOFF, 2005, p. 30; SANDBACH, 1906, p. 8.

<sup>14</sup> **apud**: DAVIS, 1912-1913, p. 325-327; JORDANES, s/d, p. 295.

Como se dá a representação dos costumes, tradições e *modus vivendi et cogitandi* dos germanos através da literatura? Não entrando em comentários teóricos acerca da transmissão e fixação dos textos, da oralidade para a escrita, vejamos rapidamente com base nos testemunhos ficcionais o encontro entre o verossímil e o verídico com relação aos três seguintes tópicos:<sup>15</sup>

1. A vindita e a palavra de honra;
2. O valor guerreiro;
3. A questão da hospitalidade.

#### VI.1 A vindita e a palavra de honra

O direito de vingança está presente nas sagas por nós escolhidas. Em *Rolf Polvo*, o próprio subtítulo - *ou a vindita de sangue* - já pressupõe o tema principal da narrativa. “*Sobre o jovem Rolf, que herdou a coroa, recaía, no entanto, o dever da vindita de sangue, um dever sagrado*” (1996, p. 39), um “*costume muito antigo*” desonrado ficava aquele que se furtasse ao “*cumprimento do dever*”. (1996, p. 39). “*Vingar a morte de seu pai era o seu dever*”, já que o “*dever da vindita de sangue o chamava.*” (1996, p. 43) Assim se pronunciou a mãe de Rolf (1996, p. 49) ao ver a matança iniciada por seu filho. A justa vingança de Rolf é feita, porém após sua morte vil, Wögger, ensangüentado, mata o cunhado do rei e profere as últimas palavras, “ - *Cumpri o meu juramento: mandei para o inferno o homem que matou o meu senhor.*” (1996, p. 53).

Em passagens anteriores fica evidenciado o respeito à palavra empenhada, outra típica marca do comportamento do germano. No tocante à fidelidade, “*os cavaleiros reuniam-se e juntavam as mãos para proferir o voto solene de que continuariam leais ao rei, cada um no seu posto e à sua maneira.*” (1996, p. 41) A própria demonstração de fidelidade de Wögger para com o rei, “ - *Prometo matar o homem que um dia levantar a mão assassina contra você!*” (1996, p. 42) é outra forma do uso e cumprimento da palavra dada.

Dentre as história do ciclo de Dietrich von Bern uma das que melhor espelha os costumes relacionados à vindita e os laços de fidelidades expressos é *Heime, Wittich e*

---

<sup>15</sup> - Não trataremos aqui da presença e atuação de divindades do panteão mitológico germânico nas narrativas, pois o tema e a exemplificação excederiam o espaço a nós destinado nesta publicação.

Dietlieb. Desde o início, todos “foram guerreiros valentes e amigos fiéis, sempre prontos a servi-lo” (1996, p. 100). Nela, Wittich fez o juramento de fidelidade a Dietrich, após tê-lo vencido em duelo (1996, p. 110). Em *Dietrich entre os hunos*, o rei cumpre o juramento de estar em batalha ao lado de Átila contra os russos: “Chegou o dia em que ele foi lembrado de seu juramento.” (1996, p. 130).

## VI.2 O valor guerreiro

As qualidades militares de um rei germano são condições imprescindíveis para a afirmação de sua liderança. Em *Rolf Polvo*, o jovem rei logo transforma-se em modelo de sabedoria e, no tocante ao universo bélico, “adestrou-se na arte de manejar as armas, tornando-se capaz de superar qualquer adversário.” (1996, p. 42) Seus homens especiais seriam possivelmente *berserkers*,<sup>16</sup> pois “todos se destacavam por sua força e selvageria. Ter um grupo de homens desses à sua volta era o hábito de muitos reis nórdicos, conhecidos como ‘guerreiros selvagens’.” (1996, p. 43)

Dietrich von Bern, “na luta de espada, ninguém o superava.” (1996, p. 95). Seus guerreiros, Wittich, Hime, Dietlieb e seu mestre-de-armas Hildebrando são exemplos de homens e cavaleiros.<sup>17</sup> Sem dúvida há elementos do mundo cortes feudal que influenciaram na escritura do texto. Claro está tal fato à página 99, em que Dietrich se lamenta, após ter matado um casal de gigantes, por não ter sido “um combate leal. Ele não tinha como defender-se, porque peguei a espada dele, e essa monstruosa mulher, matei-a pelas costas.” Aqui, o ideal do *miles* é passado ao homem germânico.

## VI.3 A hospitalidade

As regras de convivência social no mundo germânico, tanto continental, quanto nórdico davam importância à questão da recepção de viajantes e da hospitalidade a

---

<sup>16</sup> - Sobre os *berserkers* cf. Johnni Langer, Fatos e lendas sobre os *berserkers*, in: <http://cafehistoria.ning.com/profiles/blogs/os-berserkers>, acesso em 23 de julho de 2009.

<sup>17</sup> - O valor militar dos companheiros de Dietrich são bem exemplificadas em *Heime, Wittich e Dietlieb, Dietrich ente os hunos e A última aventura*.

estranhos, não importando o estamento de pertencimento. Nas aventuras de Dietrich von Bern, a cordialidade na recepção foi demonstrada pois “a senhora Ute recebeu-os cordialmente e serviu-os dignamente.” (1996, p. 106). No caso em questão, tratava-se de Hildebrando, Wittich, Heime e Hornboge.

Ermarico, imperador de Roma na saga *Heime, Wittich e Dietlieb*,<sup>18</sup> recepcionou os heróis e seu sobrinho Dietrich “com honras reais – na verdade, com honras imperiais.” (1996, p. 111) Em *O fracassado pedido de casamento*, o conde Herbert foi enviado por Dietrich para pedir a mão de Hilda, filha do rei Artur, em casamento. Após longa viagem, “chegou são e salvo à corte do rei Artur, onde foi recebido, como era usual, com todas as honras pelos cavaleiros do rei.” (1996, p. 115).

Em se tratando da saga de *Rolf Polvo*, a quantidade de exemplos sobre o respeito à regra de hospitalidade é bem abundante. Ao tentar reaver sua esposa, Yrsa, agora esposa do rei Adil da Suécia, o rei Helge da Danlândia foi à corte do primeiro e lá “foi recebido com toda a hospitalidade.” (1996, p. 38)

Em sua expedição à Suécia, Rolf e seus guerreiros encontram um camponês idoso, Rany, a quem pediram guarida. “Depois de ouvir o pedido de Rolf, o homem, com muita amabilidade, ofereceu-lhe hospitalidade, abriu um grande salão para ele e seus companheiros pernoitarem e em seguida serviu-lhes uma refeição farta, ... .” (1996, p. 44) Com a vingança cumprida, retornaram à humilde cabana de Rany “para descansar e, como no dia anterior, solicitaram-lhe hospitalidade. Foram recebidos com a mesma gentileza.” (1996, p. 50) Todavia, ao Rany lhe presentear um capacete e um escudo, Rolf desdenha dos presentes e isso fere o código de hospitalidade, levando Rany a demonstrar com palavras e gestos a quebra da tradição: “Se o camponês é ruim demais para lhe dar um presente, homem altivo, então o camponês é bom demais para dar abrigo a gente tão tola. Saiam de minha casa e nunca mais atravessem a soleira de minha porta!” (1996, p. 51) Quando retornou com o pedido de desculpas, a fazenda tinha desaparecido. O camponês era, na verdade, Wotan! Contudo, os deuses em si não são objeto de nossa análise.

O último banquete para Rolf e seus companheiros foi a armadilha preparada por seu cunhado e irmã. Lá, Rolf pagou o preço pelo desleixo com as tradições, com os

---

<sup>18</sup> - Rei do ostrogodos, suicidou-se em 375, quando seu reino no Mar Negro foi destruído pelos hunos.

antepassados, com seus costumes, com seus deuses. Apenas Wögger sobrevive, para vingá-lo mais tarde e perecer sob o fio das espadas.

## VII. Considerações finais

A tarefa de perscrutar as vozes dentro de um texto pode levar o ouvinte a se perguntar: que vozes são essas? Qual o papel que elas ocupam dentro da sociedade em que se pronunciaram? Nessa teia discursiva, a narrativa literária e a narrativa historiográfica podem proporcionar uma visão privilegiada ao pesquisador interdisciplinar que deseja se aproximar mais detidamente do objeto de seu estudo.

Nas sagas germânicas há todo um rico manancial de informações sobre como os germanos continentais e nórdicos viviam, pensavam e sentiam suas épocas. Sem dúvida, com interpolações de séculos e influxos culturais posteriores, de qualquer modo percebem-se tanto na saga de *Rolf Polvo* quanto no ciclo de histórias de *Dietrich von Bern* inúmeros elementos sociais daqueles povos. A escolha reduzida que fizemos para esse artigo deixou de contemplar várias outros dados sobre seus costumes e tradições. Aqui, o texto literário tornou-se fonte privilegiada para o estudo do historiador, como bem dizem Chalhoub & Pereira (1988, p.7)

em suma, é preciso desnudar o rei, tomar a literatura sem reverências, em reducionismos estéticos, dessacralizá-la, submetê-la ao interrogatório sistemático que é uma obrigação do nosso ofício. Para historiadores a literatura é, enfim, testemunho histórico.

As fronteiras epistemológicas aproximam-se, pois o historiador e o compilador anônimo das sagas, em nosso caso, interpretam os dados a sua disposição e participam do jogo discursivo de suas narrativas como técnicos privilegiados.

## VIII. Referências bibliográficas

ALVES, Jorge. Narratividade. In: CEIA, Carlos. *E-Dicionário de termos literários*, <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/N/narratividade.htm>, ISBN: 989-20-0088-9, acesso em 13 de julho de 2009.

BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e discurso*. História e Literatura. São Paulo: Ática, 2000.

BACHMANN-MEDICK, Doris. *Kultur als Text - Die anthropologische Wende in der Literaturwissenschaft*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1996.

BEHEIM-SCHWARZBACH, Martin. *Sagas de heróis e cavaleiros*. Mitos germânicos. Tradução de Gisela Eckschmidt. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1996.

BEIN, Thomas. *Germanistische Mediävistik – eine Einführung*. 2. überarbeitete und erweiterte Auflage. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 2005.

BRAGANÇA JR, Álvaro Alfredo. “O Estudo da literatura medieval no Brasil à luz da Mediévística Germanística-algumas palavras”. In: TELLES, Célia Marques & SOUZA, Risonete Batista de. *Encontro Internacional de estudos medievais-Anais*. Salvador: Editora da UFBA 2005. p.258-268.

\_\_\_\_\_ & JOTHA, Cátia. Os deuses entre os homens: aspectos do paganismo germânico na literatura medieval em alemão. In: CÂNDIDO, Maria Regina. *Mitologia germano-escandinava*. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2007.

BRANDT, Rüdiger. *Grundkurs germanistische Mediävistik/Literaturwissenschaft*. München: Fink, 1999.

BRONDSTED, Johannes. *Os vikings: história de uma fascinante civilização*. [S.l.]: Hemus, 2004.

CHALOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (Orgs.) *A história contada*. Capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

DAVIDSON, H. R. Ellis. *Deuses e mitos do norte da Europa*. São Paulo: Madras, 2004.

DE DECCA, Edgar Salvadori & LEMAIRE, Ria. *Pelas margens*. Outros caminhos da História e da Literatura. Campinas, Porto Alegre: Ed. da Unicamp, Ed. da Universidade-UFRGS, 2000.

HODGKIN, Thomas. *Theodoric the Goth Barbarian Champion of Civilisation*. New York: The Knickerbocker Press, 1897. Online: disponível na internet em <http://www.gutenberg.org/etext/20063>, capturado em 11 de outubro de 2008.

JONES, George Fenwick. "Dietrich von Bern as a Literary Symbol". *PMLA*, v. 67, n. 7, p. 1094 – 1102, Dezembro, 1952.

LANGER, Johnni. **Mythica Scandia**: repensando as fontes literárias da mitologia viking. In: *Brathair*, Rio de Janeiro, v.6, n.2, p. 48-78, jul./dez. 2006.

\_\_\_\_\_. O mito do dragão na Escandinávia. (Parte três: as **Sagas** e o sistema nibelungiano. In: *Brathair*, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p. 106-141, jul./dez. 2007.

MOLINARI, Edison Lourenço. O mundo romano e a invasão germânica. In: <http://www.filologia.org.br/anais/anais%20III%20CNLF%2057.html>, acesso em 20 de julho de 2009.

MOSCATELI, Renato. A narrativa histórica em debate – algumas perspectivas. In: *Revista Urutágua*, [www.uem.br/urutagua/006/06moscateli.htm](http://www.uem.br/urutagua/006/06moscateli.htm), Maringá, n° 6, Abr/Mai/Jun/Jul. 2004.

RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa*. Tradução de Constança M. Cesar. Campinas: Papirus, 1994. Tomo I.

*Saga dos Volsungos*. (Anônimo do século XIII). Organização e tradução de Théo de Borba Moosburger. São Paulo: Hedra, 2009.

*Três sagas islandesas*. (Anônimo do século XIII). Tradução e posfácio de Théo de Borba Moosburger. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2007.

THEML, Neyde & BUSTAMANTE, Regina. M. da C. História Comparada: Olhares Plurais. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. XXIX, n. 2, pp. 7-22, 2003.

WEDDIGE, Hilbert. *Einführung in die germanistische Mediävistik*. 5. Auflage. München: C.H. Beck, 2003.

*ROLF POLVO E DIETRICH VON BERN: PERSONAGENS HISTÓRICO-LITERÁRIAS  
E A REPRESENTAÇÃO DE TRAÇOS DO MUNDO GERMÂNICO MEDIEVAL –  
UMA INTRODUÇÃO*

*Álvaro Alfredo Bragança Júnior*

Resumo: dentro da tradição oral germânica, fixada **a posteriori** pela escrita, alguns textos podem ser bem analisados sob uma ótica comparativa, que permite ao pesquisador deles retirar elementos acerca da concepção de mundo dos antigos germanos, na qual diversos aspectos ligados à vida e à morte são determinantes. No tocante à literatura em língua alemã da Idade Média de fundamentação germânica, duas sagas prestam-se muito bem, cremos, para ilustrar o **modus cogitandi** e até mesmo **vivendi e moriendi** dos germanos: *Rolf Polvo* e *Dietrich von Bern*, a quem se associa um ciclo de aventuras. Nosso artigo pretende apontar características do homem germânico da época das assim denominadas Invasões Bárbaras (séculos IV e V), elencando algumas características de seu mundo, não apenas elementos de um passado distante, oralizados e literariamente apresentados, mas também historicamente condicionados e portadores de valores intrinsecamente germânicos.

Palavras-chave

- Sagas

- Cultura germânica
- História medieval
- História Comparada